ANO XII / FEVEREIRO DE 1954 / N.º 112



Novellae

OLIVARUM

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — ANTÓNIO JORGE MARTINS
Redactores — ANTÓNIO BAPTISTA DOS SANTOS
— LERENO SEBASTIÃO DIAS
Proprietário e editor — CARLOS LEONEL PEREIRA DOS SANTOS
Administrador — MANUEL GOMES SOARES

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) ... ... 25$00

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

SUMÁRIO

Uma experiência Pastoral — F. Graça 33
Troca de impressões — A. Jorge 38
Cristianização no meio rural — L. Dias 44
Os nossos pobres — Carlos Galamba 52
Homem do mar — Alcides Martins 54
Apresentamos:
Valor divino do humano 59
Matrimónio cristão 60
Crónica — F. Melro 62

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA
A casa mais antiga do País no seu género
(FUNDADA EM 1832)
RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — RUA DO OURO, 166 a 170
Lustres — Lanternas — Placas - Casticais - Lâmpadas Suspensões
Banheiras — Caldeiras — Esquentadores Fogões de cozinha
INSTALAÇÕES
SANITÁRIAS AQUECIMENTO CENTRAL ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO VENTILAÇÃO CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS ASCENSORES TELEFONES
TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

FERREIRINHA

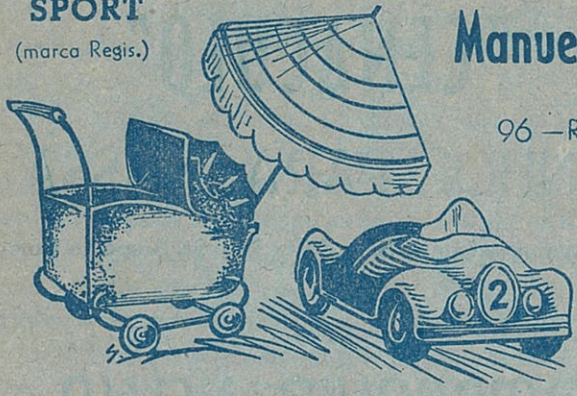
VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

SPORT
(marca Regis.)



Manuel José Soares

96 — R. Coelho Neto — 98
Telefone 51676

PORTO

Fabricante de automóveis, triciclos, carros e cadeiras para crianças

Nos Bazares prefira sempre a marca **'SPORT'**.

Especialidade em toldos, guarda-sois, ferragens e panos em todos os modelos para estabelecimentos

Tecidos pretos

R.M.

MARCA REGISTADA

Praça dos Restauradores, 13-3.º — Tel. 30876 — LISBOA
(Tem elevador)

Apresenta a maior existência de lanifícios pretos para o **clero, seminaristas** e **ordens religiosas.**
Peça amostras ou visite o nosso estabelecimento para melhor escolha. Concedemos facilidades de pagamento.

N. B. — Não fazemos descontos mas vendemos aos melhores preços

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — **Rua das Flores, 69**

LISBOA — **Praça dos Restauradores, 14**

UMA EXPERIÊNCIA PASTORAL:

FESTA DAS COLHEITAS, E FESTA DAS MÃES

O Ressurgimento cristão e litúrgico do nosso tempo, que mercê de porfiados esforços, é já esperançosa e consoladora realidade, nasce precisamente da necessidade de ligar a religião à vida, de forma que uma e outra se completem e se aperfeiçoem.

De facto a Religião sendo por sua própria natureza, um acto interior de doação da nossa inteligência e do nosso coração a Deus, Princípio supremo de todo o nosso ser e de toda a nossa actividade, tem de ser ao mesmo tempo, como é próprio da nossa condição humana, algo de exterior e social, testemunho da religião interior. E se é verdade, que hoje em dia difìcilmente se suportam os formalismos ocos, e as atitudes despidas de sentido e de espírito — que por isso mesmo inúteis e falsas, não é menos verdade também, que começa a sentir-se repugnância por essa espécie de individualismo e inactivismo religioso do «eu cá tenho a minha religião», que na maioria dos casos equivale a não ter religião alguma.

Neste sentido, ou seja, no desejo de um cristianismo mais vivido, e de uma vida mais cristãmente vivida, têm surgido algumas belas iniciativas, realizadas já em certas paróquias do Patriarcado, não só com grande êxito para a intensificação da vida religiosa das mesmas, mas ainda com grandes vantagens tanto para a vida familiar como social.

São-no, por exemplo, a festa das Colheitas, e a festa das Mães.

Uma e outra são de um alcance pastoral único, atendendo que vão de encontro, aos dois magnos problemas do nosso tempo: o materialismo da vida, e a tendência vincada para a diminuição da prole, tendência de tão profundas como nefastas consequências.

A festa das Colheitas, pretende lembrar, que Deus é o Senhor Supremo, Princípio de todos os bens, Deus que é Bom, Misericordioso, Providência Infinita, Deus que é Pai cheio de Bondade para com seus filhos.

Por isso mesmo a festa das Colheitas, é antes de mais, a Acção de Graças colectiva, dos benefícios concedidos por Deus à comunidade paroquial e à família, e o Reconhecimento do Supremo domínio de Deus, sobre todas as coisas criadas. E se o agradecimento é um dever de gratidão, o reconhecimento dos Direitos de Deus, é um dever de justiça:

«Tui sunt coeli, et Tua est terra; orbem terrarum et quod eum replet Tu fundasti» (Ps. 88). O Céu e a terra e tudo quanto ela tem de bom e de formoso, são produto da obra criadora de Deus. Por isso é de justiça que o homem, a quem o Senhor confiou todos os bens criados, pague de alguma maneira, o tributo dos rendimentos que usufrui desses mesmos bens, de que é apenas, « o cultivador e o guarda». (Gen. 2/15).

A oferta de uma parte dos bens recebidos misericordiosamente das Mãos de Deus — é a maneira mais expressiva e mais apta, de significar a gratidão da alma reconhecida, e a sua total dependência de Deus, Rei e Senhor da Criação.

Não eram outra coisa aliás, os Holocaustos e os Sacrifícios Pacíficos da Antiga Aliança... Abel oferecendo ao Senhor as primícias do seu rebanho (Gen. 4/4) — Noé, tomando de todos os animais e oferecendo-os em Holocausto sobre o altar (Gen. 8/20) — Melquisedec, Rei de Salem, oferecendo o pão e o vinho, prenúncio do Sacrifício Eucarístico do Corpo e do Sangue de Cristo. (Gen. 14/18).

Já em pleno culto moisaico, de entre as grandes solenidades religiosas, a Festa de Pentecostes é verdadeiramente a festa das Colheitas do Povo Hebreu: o mesmo sentimento de Acção de Graças, a mesma oblação das primícias da messe, símbolo da oblação interior. Acabadas as vindimas, o ano agrícola era encerrado com a Festa das Tendas, que além de ser uma comemoração da estadia dos hebreus no deserto, era também o agradecimento solene a Yahweh, dos bens que pròdigamente havia concedido.

A Festa das Colheitas portanto, sendo uma iniciativa recente quanto aos moldes rituais que a orientam, não o é todavia quanto ao espírito que a anima e vivifica: este vai mergulhar mais fundo as suas raízes, nas próprias festas e instituições da Antiga Aliança ricas de simbolismo e impregnadas de fidelidade e amor a Yahweh, como o sabia sentir e viver a alma dos bons hebreus, que o eram na realidade.

É isto que a festa das Colheitas pretende realizar. A oblação de uma parte dos bens não seria completa, nem de certo modo verdadeira se

não traduzisse a oblação interior da inteligência e do coração, que a deve acompanhar e informar como uma única e mesma oferta. Nem outra coisa se pretende, quando ao Ofertório da Missa, é conduzida ao Altar uma parte dos géneros trazidos para a Igreja, como consta do ritual da festa das Colheitas; cada grão de trigo, cada gota de vinho, produto do esforço e do trabalho, sendo testemunho do reconhecimento à Bondade e à Misericórdia de Deus, simbolizam verdadeiramente a homenagem rendida da inteligência e do coração ao Senhor de todas as coisas.

Deste modo, será possivel obstar a essa névoa de materialismo, proveniente da labuta afadigada e da ambição desmedida, que vem por vezes ensombrear os horizontes cristãos do trabalho, e que hoje em dia tanto vai penetrando os nossos meios rurais.

CERIMONIAL DA FESTA DAS COLHEITAS

Deve ser realizada num dos domingos mais próximos das Têmporas de Setembro, por ser a altura mais propícia e oportuna. Sendo possível convidar-se-ão todas as famílias da paróquia, o que será relativamente fácil utilizando a colaboração dos membros da Acção Católica. No sábado imediatamente anterior à festa, há confissões para que todos se preparem melhor e a oferta seja mais completa. No Domingo da Festa, todos os paroquianos entram na igreja, trazendo de tudo o que colheram. Na igreja preparar-se-á uma balaustrada, onde se colocará um Crucifixo. Ao chegarem junto d'Ele, os paroquianos fazem uma breve oração, beijam-nO, e colocam as ofertas em mesas, para isso dispostas na igreja. O trigo é para as hóstias, as uvas para o vinho do Santo Sacrifício, e o azeite para a lâmpada do Santíssimo. Depois de tudo estar colocado nos lugares próprios, o Pároco, de capa de Asperges, aproxima-se fazendo uma pequena homilia sobre o sentido da festa e em seguida procede à bênção dos géneros.

Começa depois a Celebração da Santa Missa. Ao Ofertório é levado para junto do Altar um pouco de todos os géneros, especialmente trigo, vinho e azeite. Serão feitas nesta altura invocações próprias com o sentido de agradecimento e oferta. No fim da Missa, as uvas são levadas para a sacristia onde algumas serão logo esmagadas pelo próprio Pároco.

O dia poderá ocupar-se com representações cénicas, coros falados, etc.. Os géneros serão vendidos em leilão, excepto o trigo, vinho e azeite. O produto da venda destina-se à igreja, e à assistência aos pobres da freguesia.

*

* *

FESTA DAS MÃES

A Festa das Mães não carece de grandes comentários. O alto significado cristão que a orienta é por si mesmo evidente.

Se a Festa das Colheitas é a Acção de Graças do Pão nosso de cada dia, misericordiosamente concedido por Deus,a Festa das Mães é o agradecimento de uma dádiva incomparàvelmente maior, a dádiva dos filhos, que são verdadeiramente um dom de Deus: «Ecce donum Domini, sunt

fillii; merces est, fructus ventis». (Ps. 126).

Não é outra a razão primária e fundamental da família: «Crescite et multiplicamini (Gen. 1/28)... é a ordem velha e nova, de ontem, de hoje, e de todos os tempos, base e garantia da felicidade doméstica e da prosperidade da família.

Sendo portanto, a Acção de Graças a razão principal desta festa, ela é ao mesmo tempo a exaltação da dignidade da mulher, esposa e mãe cristã, e o louvor das suas inconfundíveis virtudes.

Em tempos como os nossos, em que a maternidade é tão vilmente postergada, em que o egoísmo torpe reina em tantos lares, mesmo cristãos «de nome», a festa das Mães é a afirmação de que os filhos, mais que incómodo e estorvo desagradável, são uma bênção do Céu; é o protesto vivo contra as tendências diabólicas que se opõem à propagação da espécie; é, por outro lado, a profissão de Fé no Dogma da Divina Providência «que sustenta as aves do Céu, que não semeiam nem ceifam, e veste os lírios do campo que nem Salomão com toda a sua magnificência se vestiu como um deles. (Luc. 18/24, 27).

É digno de realce, o alcance pastoral que esta festa pode ter na santificação da família pela intensificação dos bons costumes, pelo cumprimento mais exacto dos deveres e obrigações matrimoniais, pela formação de uma consciência cristã mais esclarecida, tanto de pais como de filhos.

Do cerimonial da festa, faz parte, a consagração pessoal das mães e dos filhos; é a conclusão lógica e mais significativa, que há-de atrair abundantemente as graças e as bênçãos de Deus para o pesado encargo da sustentação e da educação dos filhos que fôr da Sua Vontade enviar à família.

CERIMONIAL DA FESTA DAS MÃES

A Festa deve realizar-se no dia 2 de Fevereiro, festa da Purificação de Nossa Senhora.

Tomarão parte activa só as mães que o foram desde o dia 2 de Fevereiro do ano anterior, que tenham contraído Matrimónio segundo as leis da Santa Igreja, e baptizado os seus filhos nesse ano. Dias antes o Pároco mandará uma circular a cada uma das mães acentuando a obrigação que têm de agradecer a Deus o benefício de o terem sido. Haverá uma novena preparatória para a festa, e no dia anterior confissões para as pessoas que desejarem.

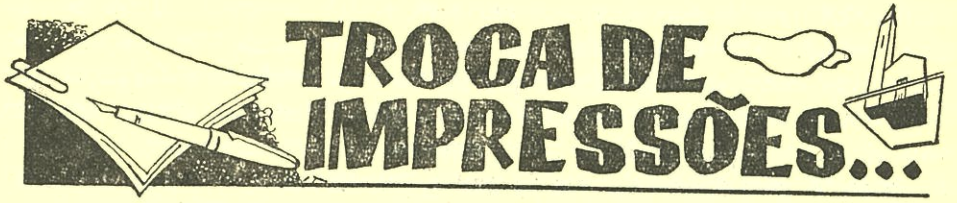
As crianças das escolas, sendo possível, virão à Missa prestar homenagem às mães com a sua presença. Depois de invocado o Divino Espírito Santo, procede-se à bênção das crianças e das velas, e organiza-se um cortejo processional. Em seguida

é a celebração da Santa Missa, durante a qual as mães ocuparão um lugar especial; são elas que fazem o Ofertório Solene.

No final faz-se a Consagração pessoal das mães e dos filhos, e cada uma irá depôr um sobrescrito aos pés da Imagem de Nossa Senhora um pedido para o seu filho.

Em conclusão: — O actual ressurgimento cristão e litúrgico há-de realizar-se precisamente, atendendo sempre ao centro de interesse de uma região. Por isso mesmo, as festas apresentadas são apenas duas iniciativas entre muitas outras que porventura venham a surgir, e que em virtude das circunstâncias especiais dos diferentes meios, tenham não só maior oportunidade, mas ofereçam até maiores probabilidades de êxito, e garantias de mais fecundos resultados.

F. GRAÇA



TRÊS MOMENTOS SUCESSIVOS?

É um facto que a distribuição demográfica da população portuguesa, até hoje e pelos anos mais próximos, se vem realizando sobretudo por milhares de aldeias de maior ou menor densidade populacional consoante se aproximam ou afastam dos grandes centros.

Esses milhões de portugueses que vivem em tão pequenos agregados que muitas vezes vão pouco além dos mil habitantes, pesam enormemente na organização social do país. A instabilidade que se verifica nos meios rurais, as crises constantes que a agricultura tem atravessado, e o baixo nível cultural que não consegue satisfazer os anseios de muitos dos seus filhos, refletem-se imediatamente nos vários sectores da vida nacional.

Problemas novos se levantam em consequência e não é dos de menor gravidade o deslocamento das massas populacionais para os grandes centros. A nós, cristãos, interessa sobremaneira esta evolução, pelos efeitos dolorosos que acarreta.

Sabido é como o homem moderno vive enquadrado num ambiente que lhe dita a maneira de pensar, os hábitos da vida sensorial e vegetativa.

Mas são raras as aldeias que ofereçam condições de vida para todos os seus filhos. Assim, uns pelo legítimo direito à vida, outros simplesmente na ânsia de miragens novas, todos procuram a cidade. E a cidade varre tudo em pouco tempo: as virtudes naturais, que provêm de uma tradição familiar estável e as sobrenaturais, que provêm de um ambiente mais ou menos cristão. Não havia a preparação requerida para suportar latitudes novas.

A verdade manda dizer que hoje em dia é de todo impossível conservar as aldeias fora da órbitra de influência dos grandes centros. Por toda a parte se observa um fenómeno nítido de crescimento, legítimo e naturalíssimo em si mesmo, mas perigoso e ambíguo, ao mesmo tempo, pelas consequências.

O tradicionalismo conservantista já de há muito começou a estalar, sobretudo com o avanço do progresso material e com a influência inacreditável dos que um dia sairam da aldeia tentar a sorte e lá voltam no verão a passar um tempo. (1) Com o abandono das tradições seculares surge de mãos dadas o da prática de toda a vida cristã, que até ali se considerava também parte integrante de uma organização envelhecida.

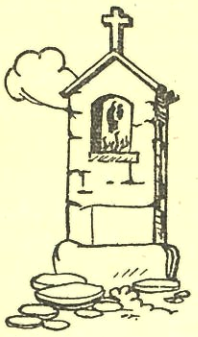
Daqui a legitimidade de nos interrogarmos sobre a natureza e vitalidade desse cristianismo que tão pouco enraizado parece à primeira vista.

A acusação de falta de vida cristã séria talvez deva preferir-se a de falta de preparação para novo teor de vida. É certo que nem sempre há vida cristã profunda, mas também é verdade que, mesmo onde ela existe, a evolução se verifica quase infalìvelmente.

Lembrámo-nos assim de pedir o depoimento de três párocos de aldeias o mais diferenciadas possível. Na primeira observamos grande desenvolvimento de vida cristã mas a evolução a que nos vimos referindo mal começa a delinear-se. Na segunda, exemplo da quase totalidade das aldeias do Norte e Centro de Portugal, a prática da vida cristã vai diminuindo, continuando todavia certo sentido cristão, embora muito vago e com pouca influência na vida dos habitantes. Na terceira já desapareceu o sentido cristão e consequemente começou a perder-se a noção de Deus. Será o caso de grande parte das aldeias do Sul do país.

*
* *

(1) Estas razões, todavia, não dizem o suficiente. O trabalho de oito horas, a abundância de divertimentos por baixo preço e o uso de certas comodidades que no nosso mundo todos reclamam, exercem uma influência considerável sobre quem luta de sol a sol, quando não começa pela madrugada, só aos Domingos pode levantar as costas e pouco beneficia das comodidades do moderno progresso técnico.



X., no concelho de Rio Maior. Meio puramente agrícola que ocupa todos os habitantes da freguesia, à volta de 1.800. Vivem satisfeitos, ainda sem o apelo de outras miragens. Daí o não haver pràticamente emigração alguma.

A 12 Kms. da sede do concelho, não se lhe nota a influência. As famílias são numerosas, excepto nuns casais que já ficam perto da vila. É significativo... O telefone ainda é recente. Inaugurou-se há um mês uma carreira diária de camionetas para Rio Maior.

Sabíamos da real influência do Pároco, influência que se manifesta em inúmeras circunstâncias. É solicitado para os mais diversos encargos. Por vezes mesmo os pais vão ter com ele a pedir conselho sobre os namoros dos filhos e as conveniências de tais casamentos.

Então procurámos inquirir da verdade.

— *Se hoje tenho alguma influência na freguesia,* explicou-nos o Rev. Pároco, *não é bem porque o meio ainda não evoluiu bastante. A razão é outra. Quando tomei posse já fui encontrar um ambiente bem preparado. É que, há algumas dezenas de anos, os meus antepassados adquiriram grande prestígio mesmo polìticamente. Veio depois o meu antecessor imediato que a todos edificou por uma grande santidade. Daí o habituarem-se todos a reconhecer no Pároco uma certa influência temporal e ao mesmo tempo autoridade absoluta no domínio das consciências».*

— Mas V. Rev.ª não espera que tudo continui assim, indefinidamente...

— *«De modo nenhum. Quando a freguesia chegar aos 3 mil habitantes já não a terei nas mãos. É a lei da vida.*

Na medida das minhas possibilidades, procuro ir preparando a evolução. Mas o ambiente, não sendo muito embora miserável, também não é rico. Se tivesse mais dinheiro, procuraria ir prevenindo, organizando cristãmente o que amanhã vai sintonizar a vida dos meus paroquianos. Um primeiro passo seria a criação do Salão Paroquial que ficaria com o monopólio de todo o cinema...

Assim, vou fazendo o que está ao meu alcance. As catequeses já

as encontrei funcionando com regularidade. Por meio delas talvez se consiga uma influência salutar nas famílias de amanhã. Mas como sabe, por enquanto não há nada que vá subtrair os habitantes à influência do Pároco e de um ambiente são. Quando outros tempos vierem...»

Uma nota curiosa que é raro ver-se em meios desta natureza: aldeia profundamente cristã, a Acção Católica está florescentíssima. A Secção da LAC tem 32 elementos muito bem formados, e, o que é essencial, bem representativos: quase todos trabalhadores do campo, alguns mesmo analfabetos, eles conseguem real influência no meio. Há ainda militantes de ambos os organismos da Juventude Agrária. A vida e a eficácia de tais organismos deve-se ao rigor na admissão.

*

* *

De um salto passámos da Estremadura à Beira Litoral, Paróquia de 3 a 4 mil habitantes da região da Bairrada, concelho de Anadia.

Não há grandes proprietários. Econòmicamente todos são remediados. Tendência acentuada para a emigração, não para as cidades, como noutros lugares da região, mas sobretudo para o Brasil e Venezuela.

Duas aldeias formam a Paróquia. Uma vive exclusivamente da agricultura. Na outra alguns vão já trabalhar a Sangalhos, nas fábricas de bicicletas e outros às conhecidas Caves de Monte Crasto. Mas, do ambiente de trabalho não sofrem influências especiais contrárias.

Sentido religioso bastante amortecido, embora persistam tradições de cristianismo. Ao Pároco dão sempre um lugar de honra. Têm por ele o máximo respeito. Respeito naturalista, talvez, pois não passam dali.

O tom geral é de indiferentismo, cujas causas são muito complexas.

Os dois factores principais da descristianização, aliás comuns a toda a região da Bairrada, são a falta de assistência à missa dominical e o trabalho em dias de preceito.

Não existe Acção Católica organizada. Confessou-nos o Rev.º Pároco que têm falhado todas as tentativas de aproximação dos rapazes, no campo pròpriamente religioso.

— *Experimentei todos os meios e não consegui nada. Certamente porque eles não levaram a formação base da Catequese.*

Desta é que eu espero alguns resultados. Comecei de há muito pelas

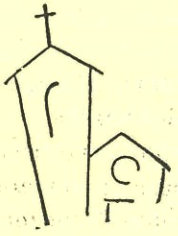
crianças. E talvez daqui a alguns anos o ambiente seja outro, quando as crianças de hoje fundarem lares cristãos.

De tudo o que aprendi no Seminário, levei para a vida um grande optimismo. Nunca desistir. Recomeçar sempre. Estou convencido de que o mundo não é tão bom como no-lo pintam muitos iludidos, nem tão mau como no-lo apregoam os pessimistas.

Com um amor entranhado ao nosso sacerdócio, norteados pela fé e pelo sentido das realidades, nós poderemos tudo, ainda que os resultados imediatos não sejam avultados. Nem outra coisa é de esperar nos próximos anos».

*

* *



Voltámos à Estremadura. Aldeia no concelho de Alcanena. Pequena indústria muito desenvolvida, a ocupar todos os braços da freguesia.

Para a colheita da azeitona e para as mondas forçoso se torna recorrer à gente das aldeias vizinhas. O nível de vida é elevado, pois a casa governa-se só com o salário das mulheres.

A vida está organizada à margem da Igreja. Perdeu-se o sentido das realidades sobrenaturais. Com facilidade passam um ano inteiro sem solicitar a assistência do Pároco a um moribundo. Muito poucos frequentam a Igreja. Quase ninguém ouve a pregação, o o primeiro dos factores da instrução religiosa.

Neste caso, como atingir os paroquianos?

— *A minha solução,* — responde-nos o Rev.º Pároco — *tem sido esta: A CASA ABERTA A TODA A GENTE, a qualquer hora do dia. Interessar-me por todas as actividades dos paroquianos. Servir a toda a gente. Gastar-me ali por alguns anos e outros aproveitarão um dia...*

Ao mesmo tempo, um trabalho sério em profundidade. As estruturas não se podem atingir em si mesmas. Por isso tenho procurado orientar um a um rapazes e raparigas com quem se pode contar absolutamente. Estes serão os novos apóstolos...

A uma dúvida nossa sobre se estes elementos ficariam demasiado superiores ao próprio meio, Sua Rev.ª esclareceu:

— *É certo que esses que vou orientando dentro em pouco sentem-se deslocados num ambiente inferior à sua formação. E com dificuldade se seguram na aldeia. Procuram horizontes novos onde se sintam mais*

à vontade. Dada esta a falta de ajustamento, diminui um tanto a influência que poderiam exercer no ambiente donde provêm.

Mais nos disse ainda o Rev.º Pároco da pujança de uma secção da JOCF cujas filiadas trabalham quase todas em fábricas e nelas dão testemunho de Cristo. Está-se a caminho de uma secção da JOC, mas é mais difícil formar rapazes e prepará-los para construir lares cristãos.

*

* *

Foram estas as impressões que recolhemos junto de três párocos de aldeia.

Todos eles sentem bem ao vivo os problemas das suas ovelhas. O seu interesse não é o de turistas que olham, acham interessante e, indiferentes, continuam a caminhada em busca de panoramas novos.

Por entre dificuldades sem conta eles são os guias espirituais que respondem pelo destino eterno do seu Povo, junto do qual representam o Bispo.

Párocos em meios díspares, em todos observamos a mesma fé na Santa Igreja e o mesmo optimismo quanto ao futuro. Optimismo que não é confiança nos meios humanos de que dispomos, mas tão sòmente compreensão esclarecida da economia da graça.

O grão tem de morrer na terra, para germinar.

Nós trabalhamos agora, semeando na dor. Outros virão depois colher, na alegria, os frutos de uma sementeira no sofrimento.

A. JORGE

CRISTIANIZAÇÃO

NO MEIO RURAL [1]

A Igreja assistiu à emancipação das massas intelectuais no século passado, à das massas operárias em toda a primeira metade deste século, e assiste presentemente à emancipação das camadas rurais principalmente nos subúrbios da cidade; e isto apesar da aplicação de métodos reflectidos, das adaptações mais suaves, do zelo mais inconfundível, que mais não conseguem que resultados pessoais, sempre enganosos, que escondem e mascaram a contínua progresão do declínio religioso. Tudo se passa como se uma vaga subterrânea arrastasse as nossas paróquias para a descristianização, de modo irresistível e contínuo, quaisquer que sejam as reacções da superfície ou as subidas passageiras devidas ao zelo e à santidade de tal ou tal padre; as paróquias parecem encaminhar-se num ritmo mais ou menos rápido, conforme as resistências encontradas, para o paganismo...

A descristianização do meio rural é inevitável a partir do momento em que a velha civilização rural começar a tornar-se estéril, e o mais zeloso pastor será impotente para conter a descida, a não ser que seja ajudado por uma intensa campanha missionária que vivifique a região inteira.

*
* *

O estado de plena cristandade existe ainda em muitas aldeias de Portugal. É o estado do Povo de Deus, em marcha para a terra da

---

(1) Considerações inspiradas na obra de *Paul Schmitt,* «Le Mécanisme de la Déchristianisation. — Recherche pastorale sur le peuple des campagnes». — Paris, 1952.

Promissão, construindo na terra a sua cidade; o pastor de almas não age sòmente como Padre e Ministro da Igreja; a Sociedade em si é cristã e quer-se cristã; as normas cristãs sobrepõem-se às normas puramente civis e são praticadas na totalidade da vida, mesmo na ordem da vida pública, em que o profano é absorvido pelo religioso. O Padre é o Chefe do povo, em todo o seu esplendor, hábil administrador, amigo, conselheiro, pai de seus paroquianos, entretendo-se familiarmente com todos, interessando-se pelas suas necessidades, prestando-lhes serviços, ajudando-os a fazer alguma aquisição vantajosa, a levantar-se dum mau passo, facilitando consultas e dando orientações, julgando conflitos, obtendo concessões, restabelecendo a paz, esmagando a injustiça; Padre devoto do Papa e do seu Bispo, cheio de caridade para com os pobres e zelo pelo seu ministério, ele é o Chefe, o Senhor da aldeia, o pai de suas ovelhas.

Ainda em certas regiões este estado de cristandade se tem perpetuado até hoje. Não é uma quimera; trata-se de uma colectividade de «simples». Quando, porém, sofrem a aproximação de uma civilização nova, os «simples», entram em crise de fé.

Vamos distinguir as fases da descristianização, iniciadas cada uma por uma crise especial que lhe dá origem, apontando a acção pastoral conveniente.

CRISE DO MINIMISMO RELIGIOSO — FASE DO ARREFECIMENTO DO FERVOR RELIGIOSO

A prática é um tanto abandonada; e o declínio da prática pode denotar o declínio da caridade; resfria o fervor. Os que praticam fazem-no mais por hábito e escrúpulo que por amor; fàcilmente se admitem desculpas para as negligências. Em vez de ímpeto para as alturas, há um afrouxamento da vida interior, uma tibieza espiritual, e um restringir-se às atitudes religiosas necessárias e obrigatórias, seguindo o critério do mínimo indispensável. E isto em todas as actividades do espírito: as grandes preocupações do coração, em vez de se manterem fixas em Deus, Senhor do mundo e Pai da humanidade inteira, limitam-se, aviltam-se até, e acabam por prender-se ao homem incapaz agora de se ultrapassar. Em vez de um amor a Deus até ao esquecimento de si, tudo se encaminha para o amor de si próprio, acabando por esquecer Deus. Mas tudo isto é muito lento; é mais uma tentação que uma

capitulação. A Religião continua sincera e viva. Todas as práticas são observadas com a mesma regularidade normal: vai-se à Missa, recebem-se os sacramentos, acompanham-se os funerais, respeitam-se as funções sagradas, tem-se como honra pegar no pálio, numa bandeira ou lanterna, fazer o peditório, servir ao altar, cantar na Igreja; escuta-se o Pároco, cumprem-se os seus avisos; todo o que quiser repudiar estas obrigações religiosas por todos é considerado como ímpio.

No entanto começa a sentir-se que esta prática é mais natural que sobrenatural, mais humana do que divina. Este critério que visa o mínimo indispensável atrofia o dinamismo infinito da fé e da caridade: o povo de Deus inferioriza-se; ignora já os grandes voos da oração e da piedade, o ardor das conquistas, a paixão das almas e a riqueza fecunda do sacrifício.

A crise do minimismo religioso prepara a fase da desafecção ou arrefecimento do fervor religioso; crise social semelhante à crise individual da puberdade. O nível religioso, baixando lentamente, começa por se despiritualizar e torna-se racionalista e materialista; em nome do progresso, da iniciativa pessoal, do interesse ou valor das coisas, afasta-se a tutela da Religião; cada um julga por si, afasta-se da opinião comum, orgulha-se das suas concepções pessoais, gloria-se da sua insubordinação; os agitadores são escutados com interesse, e aspira-se cada vez mais à liberdade.

A formação cristã, segundo esta mentalidade, reduz-se sobretudo à instrução: a criança que vai à Missa e sabe o catecismo faz a Comunhão Solene; aquele que sinceramente *compreende* o que vai fazer, comunga. Em confissão prefere-se uma exortação agradável a uma palavra rude que apele para a responsabilidade. Vai-se à Missa para ouvir o pregador de fama, ou deixa-se de ir lá porque o padre não fala bem; a piedade é a recitação material das fórmulas, a caridade é a esmola, a esperança é a vaga perspectiva duma retribuição. Uma religião assim é uma religião que dessocializa; porque individualista, é por isso mesmo formalista, ritualista: assiste-se à Missa em vez de se oferecer o Sacrifício; pede-se a absolvição em vez de procurar a emenda de vida. A Religião começa a pesar como um cargo, as coisas de Deus são um costume e um dever frio, a fé cristaliza; a prática continua, mas justificada por razões puramente humanas: é que a Religião educa as crianças, instaura a moralidade, consola os aflitos, ampara os desesperados.

Este espírito de independência e insubordinação afecta por vezes

os melhores, que logo se subtraem à influência do Pároco. A Igreja é abandonada pelos homens, ao passo que aumenta a frequência nos divertimentos, nos clubes, tabernas e bailes. Perante o assalto lançado ao Reino de Deus pelo príncipe das trevas, bate mais forte o coração do Padre, inflama-se o seu zelo: é preciso salvar as almas a todo o custo! E o antigo Chefe do povo assume agora as funções de guarda que mantém a ordem.

A primeira preocupação do Padre será tomar a dianteira e denunciar a natureza do mal que se infiltra; enaltecerá o sentido de defesa, a temperança, a mortificação, o desapego do mundo; recordará as grandes verdades, que impressionam sempre, da salvação eterna e do inferno, assim como da justiça e do castigo da Providência, visíveis por vezes; porá em contraste o carácter eterno da fé e o que há de mesquinho e passageiro na vida do homem.

Mas a exortação não basta; afirmará a sua autoridade como pastor, insistirá sobre os direitos da Igreja, os poderes da Hierarquia, a disciplina, a obediência; ameaçará e aplicará sanções contra os pecadores públicos, os profanadores do Domingo, os incrédulos, os escandalosos; declara guerra aberta ao erro, discute-o, desfaz os argumentos contrários, apela para a História e para a Ciência; como pregador, será o advogado de Deus e das almas, e não receará usar uma dialéctica cuidada; ele é o preservador, é o conservador, é igualmente o defensor. E não poderá defender apenas com palavras, mas com obras: assistirá aos pobres e aos doentes, criará obras católicas, associações, escolas, bibliotecas, jornais, divertimentos, e tudo o que o seu coração sacerdotal sempre insatisfeito lhe sugerir. Mas em tudo deve ter sempre presente que a sua missão não é curar, é transformar.

CRISE DO LIBERALISMO — FASE DA EMANCIPAÇÃO

Pretendem os liberais ser espíritos esclarecidos capazes de afirmar por um lado o valor insubstituível da Religião e por outro o carácter progressivo do mundo que se opõe a esse valor, e distinguem ainda a Religião em si mesma, e as realizações que teve em concreto em razão de circunstâncias históricas. E, feita esta dupla distinção, querem reduzi-la à sua pureza essencial, como dizem, comprimi-la no domínio que lhe é próprio, o domínio da consciência e do culto exclusivamente; e, portanto, Religião nas igrejas, Padres nas sacristias. Negando o

carácter totalitário da fé, essencialmente habilitada a impregnar as estruturas profanas, o liberalismo atinge a fé na sua substância, limitando-lhe o domínio. Tem ao mesmo tempo um fundo de fariseísmo: arvora em norma geral a sua fraqueza, e procura restringir as exigências da Igreja, que são as exigências do Evangelho, às suas possibilidades pessoais. Não querendo tender para a realização plena do ideal, refugia-se na mediocridade, e pretende estabelecê-la norma comum.

A crise liberal prepara a fase da emancipação. O Progresso e a Religião entraram em conflito aberto. Não cessou a observância, mas cada um acha-se autorizado a marcar para si os limites desta observância; e a fé passa a não ter mais força que uma simples opinião, susceptível sempre de ser discutida. É uma religião natural, não enforma já os costumes; a verdadeira religiosidade será considerada exagero ou fanatismo. «Tudo se que «com certa conta e medida, dizem, como o sal na comida.... É preciso ter largueza de vistas»... E, se ouvem estas palavras na boca de um Padre, é máximo o seu regozijo, porque lhes dão o *seu* alcance, e não o alcance que o Padre lhes dá.

Diminui a influência da Religião na vida. Medem-se os homens por suas virtudes naturais, por seu valor técnico e profissional. A vida pública e as actividades sociais emancipam-se das normas divinas; não se negam, mas procede-se como se não existissem.

A política, a economia, a instrução, as organizações recreativas, o domínio cultural — erige-se cada uma destas actividades em princípio absoluto na prática. O fim a justificar os meios, o jogo livre dos interesses, a arte pela arte, a cultura pela cultura. Deste modo a Religião no indivíduo vai-se tornando mais e mais tímida e envergonhada. A alma, o céu, o inferno, os anjos e os demónios são assuntos de que se fala por diversão, com irreverência e escárnio. O prestígio dos incrédulos aumenta, quebra-se a unanimidade. A mensagem cristã não é já uma mensagem eterna à qual se adere pela autoridade suprema de Deus, mas antes por razões de oportunidade; e, como essas razões não aparecem à vista, rejeita-se a mensagem. Acusa-se a Igreja de desconhecer as aspirações do mundo moderno, e este é o argumento máximo da emancipação. Aparentemente verdadeira, a acusação é contudo profundamente injusta.

A Igreja é rejeitada porque desconhecida. Ao lado dos verdadeiros católicos surgem os não praticantes. Desaba no indivíduo e na sociedade todo o mundo sobrenatural. O liberalismo desagregou a Paróquia, per-

deu-se o sentido comunitário.

Com o seu desaparecimento vem a perda do sentido da responsabilidade; toda ela recai sobre o Pároco e sobre ele só. A Igreja é o Pároco. O Bispo é considerado muito fora do alcance do povo. E por isso, já que a responsabilidade de descristianização recai sobre ele, é o Pároco que deve impôr-se pelo seu prestígio, cultura, nobreza de alma, pela palavra, ordem nas suas funções, bondade em acolher; o respeito pela sua missão sagrada perdeu-se, mas utiliza-se a sua competência e recorre-se a seus bons serviços como a um serviço social gratuito; a Paróquia exige que o Pároco seja o *homem de todos* para favores de toda a ordem. Mas o Padre não deixará de se aperceber de que mais cedo ou mais tarde as suas concessões irão dar à catástrofe: o liberalismo exige o máximo de liberdade, cada vitória é um incitamento para novas ofensivas, e o Padre é ainda um estorvo.

Perante esta corrente não será já a actividade externa que impõe o Padre, mas a grandeza de alma, o poder da fé, a resistência da esperança, toda uma pastoral profética. Os assaltantes combatem em nome de objectivos humanos e impelidos por desenfreadas paixões, ao passo que o Padre não dispõe senão de armas espirituais que passam por cima das cabeças dos inimigos.

Quando o Padre vê cair as instituições tradicionais, quando perde o apoio dos seus colaboradores, e sente tornar-se cada vez mais larga a vala que o separa do seu povo, é então que se põem com mais angústia os quatro grandes problemas de toda a acção pastoral: o da iniciação religiosa que é o transmitir a convicção religiosa; o de manter o contacto com as almas a conduzir à salvação; o de manter a severidade para não trair a pureza da Religião; e finalmente o da educação religiosa, que é o aplicar do meio que há-de levar o crente à sua plenitude ou maturidade espiritual.

No meio dum mundo que se materializa o profeta será o defensor do Espírito; e em face da avidez crescente dos interesses terrenos, o arauto do Altíssimo.

CRISE DO LAICISMO — FASE DA REVOLTA

O laicismo começa quando a emancipação prevalece na mentalidade da aldeia sobre a submissão religiosa, e de tal maneira se impõe que a incredulidade não escandaliza já. Pode praticar-se a Religião, como

pode rejeitar-se. O laicismo pretende uma separação mais ou menos violenta do natural e do sobrenatural: o sobrenatural será uma intromissão intolerável na autonomia da consciência. Através do erro, da tolerância e neutralidade aparentes, do anticlericalismo e da hostilidade à Religião prepara a fase da revolta.

O principal efeito do laicismo é extinguir nas almas o sentido do sagrado. A Igreja é posta ao nível de qualquer sociedade puramente humana com seus estatutos, práticas, propaganda, sujeita, como todas, à legislação civil. Generaliza-se a vontade de emancipação, o anticlericalismo tomou consciência de si, a opinião geral tornou-se agressiva, a revolta começa sob o impulso de chefes que perderam toda a noção do respeito, deixando livre curso à brutalidade de todos os instintos.

As coisas de Deus e todas as que se relacionem com a Religião são abertamente contestadas, desprezadas, sacrìlegamente escarnecidas. Mas o homem não pode viver sem o Absoluto; matou Deus, adora os ídolos: a Liberdade, o Progresso, a Vida.

QUAL O PAPEL DO PADRE?

A sua missão é extremamente ingrata: olhado com indiferença, com desprezo, com ódio, ele não é já o profeta que apela e ameaça, mas antes o Salvador que enfrenta a corrente geral e hostil, pela fé, pela convicção, em detrimento de seus interesses pessoais, bem-estar e simpatia, que vai até ao fim no sacrifício, no perdão das ofensas, e no amor dos inimigos. É o Salvador, porque a sua grandeza de alma conserva viva a fé e age pela força do Alto! Salvador, porque em si mesmo ele renova para esta parcela da humanidade a Paixão de Cristo não sangrenta mas efectiva! Salvador, porque é ele quem personaliza este desafio divino à mediocridade humana e constitui uma resistência ao espírito das massas. Recebeu a vocação de Deus para ser o confidente e o porta-voz de Deus, e por isso mesmo a sua vida será consagrada a zelar os direitos de Deus; mas o meio é-lhe adverso, e o sacerdote será um sinal de contradição e às vezes um paradoxo vivo na sua vida sacrificada. Mas importa transmitir a mensagem; e quantas vezes o Profeta de Deus dolorosamente geme e chora antes de aparecer diante dos homens. Pobre, sòzinho, abandonado a si mesmo até nos mais pequenos pormenores da vida doméstica, andrajoso talvez, exercendo até funções de sacristão ao mesmo tempo, verá a sua Igreja abandonada. Ele sem prestígio nem

simpatia incarna a pessoa do Salvador; e, como a vítima expiatória do Calvário, ergue-se em face de Satanás e arrebata-lhe o mundo.

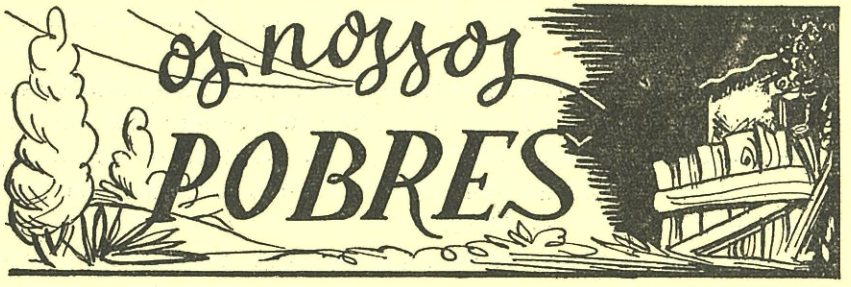
Mas, se o sacerdote cede em vez de lutar, a paróquia deslizará lentamente para a morte espiritual; a indiferença torna-se total, e a aldeia vai apodrecendo quase sem dar por isso. A aldeia materializada fica esperando uma campanha missionária que abrirá um novo ciclo de fé.

Este estado de indiferença total é no entanto um estado limite que pràticamente não se virifica, assim como o de perfeito cristianismo. E cada uma das outras fases referidas — da desafecção, emancipação e revolta — não se encontram em estado puro em parte alguma: caracterizam a maioria, não a totalidade.

O dilema põe-se: ou ceder às soluções fáceis, ao princípio do menor esforço, e manter uma presença, um contacto estéril, inoperante — ou dirigir o ataque franco e intrépido em defesa das almas. O momento é decisivo, e o futuro espiritual da paróquia depende da escolha que fizer o Pároco. Sòzinho, no meio dum mundo em decadência, denuncia o mal, interpreta a história, julga o seu tempo condena as estruturas caducas que parecem algemar o divino. Dirigindo-se à personalidade nascente prega-lhe a mensagem da salvação, abre-lhe os horizontes da liberdade cristã e da eternidade, e sobretudo anuncia-lhe Deus que está infinitamente acima de tudo o que é humano.

A sua pregação será positiva, essencialmente sóbria, incisiva, a sacudir corações congelados na dúvida. Caminha confiadamente, que a hostilidade acumulada à volta da sua pessoa não exprime os sentimentos profundos do povo; é antes uma consequência deste estado de espírito em transição, é uma chaga em carne viva que o faz gritar. Como o Senhor, o Pároco debruça-se sobre o pequeno grupo dos discípulos para os confirmar na fidelidade a Deus, e fará deles os melhores, por prodígios de habilidade e generosidade. Exaltará a força, a beleza, a virtude da Religião, a acção do Espírito Santo, o cruz que prepara a glória, e mais que tudo o papel primordial da fé e o seu poder taumaturgo. Em tudo isto porá uma convicção sentida, ardor e fidelidade ao ideal, a lógica de uma vida toda alicerçada em Deus. Sempre igual a si mesmo, dominando os conflitos da aldeia, esquecendo os mais graves ultrajes, pronto a socorrer a miséria dos corpos e das almas, o sacerdote assegurará um núcleo estável, até que o refluxo da opinião tenha preparado o retorno das massas.

L. DIAS



Eu não sei de outra verdade de Fé experimentada com mais continuidade ao longo dos nossos dias do que a assistência providente de Deus.

Ele, que nos deu a vida, nos conserva vivos, mas para nós é tão natural viver que raramente temos consciência, de que somos de que estamos sendo por Sua mão. Em certas coincidências, em certas oportunas providências, pelo mundo ditas acasos, é que nós sentimos bem quão pertinho de nós anda Deus, até que extremos Ele Se interessa por cada uma das Suas criaturas.

Os pássaros do céu não semeiam, nem tecem os lírios do campo... e o Pai Celeste cuida deles. Quanto mais por nós não há-de Ele velar?

Foi neste espírito que encetámos os nossos trabalhos vicentinos. Ninguém sabia como, nem quanto, nem de onde, imediatamente, viria o dinheiro. Sabíamos, porém, que viria de Deus, mediante os homens e na medida do bem que fizéssemos.

Quando damos ao Pobre, é o Pobre a quem damos que traz aquilo que lhe dar. É a força da sua necessidade. É a dor do nosso coração e da nossa inteligência. É a misericórdia infinita de Deus, operando.

E nós, esgotando-nos, estamos sempre cheios, porque procurámos o Reino de Deus e tudo o mais é por acréscimo.

O Pai Celeste não falta à Sua promessa e quantas vezes Se não serve do próprio Pobre! Eu digo um exemplo.

Era uma família modestamente remediada. No tempo da guerra faltou muita coisa. Naquela casa, não. Era preciso aguardar em longas

filas o momento de ser servido de uns decilitros de azeite ou de uns gramas de sabão. Era necessário o recurso ao mercado negro. Naquela casa, não.

— Então como: relações sociais? Importância das pessoas? Prestígio de posição? — Nada. Eram os pobres. Eles descobriam as mercadorias cobiçadas. Iam, esperavam e vinham espontâneamente entregar. Sabiam que aquele «tome lá para si» se reflectiria em um «aqui está para todos». E nunca, nem uma só vez, faltou naquela casa o quer que fôsse; nunca se ofereceu negócio a especuladores; ninguém procurou ali que não achasse.

Eu ia a dizer milagre, mas não. Milagre implica algo de excepcional e esta suficiência é a regra, é o dom normal de Deus quando os homens põem de si o pouco que Ele pede.

Encetámos neste espírito os nossos trabalhos vicentinos. Não vemos que emendar.

Na campanha do Natal pudemos visitar sem mãos vazias trinta e sete lares em que a privação habita. Deixámos vestuário, calçado, dinheiro, coisas de comer, mesmo gulodices, remédios, loiça, um berço, roupa de cama... Deixámos, sobretudo, a consoladora certeza de que comungávamos na vida atribulada dos nossos irmãos pobres, a alegria íntima resultante de se não sentirem sós, mas lembrados por Jesus, mediante as nossas mãos pecadoras.

Não o valor material da esmola, mas por ela, a manifestação da nossa amizade fraterna, ajudou o fervor da sua gratidão e da sua homenagem ao Deus menino.

Houve riso e lágrimas de satisfação. Uma velhita, presa há trinta anos de paralisia, quase gritava que nunca tivera um Natal assim. Outra, mãe de família numerosa, quis que rezássemos com ela uma Avè Maria em acção de graças. Muitos se confessaram para bem receber o Senhor. Outros choraram o seu estado de pecado que os impedia de comungar.

Eu conto tudo isto para que saboreiem a nossa alegria quantos no-la proporcionaram: leitores da «Novellae», fábricas, companhias, casas comerciais, laboratórios farmacêuticos, entidades oficiais, pessoas particulares, colegas nossos, que renunciaram até onde apenas Deus conhece... Conto, para que todos experimentem e nenhum venha a esquecer que só a felicidade repartida tem garantias de verdadeira felicidade.

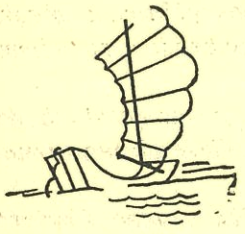
CARLOS GALAMBA

HOMEM DO MAR

O apostolado social é, sem dúvida, uma amostra da sempre renovada vitalidade da Igreja, e adquiriu hoje tão singular importância, que parece reger o momento presente.

Um enorme incremento da massa trabalhadora, que luta por todos os meios para adquirir um posto proeminente na sociedade, avassala velhos preconceitos e sistemas, produzindo uma tremenda crise no mundo moderno.

Nesta massa, existe um sector, que tendo as mesmas necessidades e ambições, tem sido, por razões várias, objecto de triste esquecimento: é o sector piscatório.



Portugal é um país essencialmente marítimo. Foi através dos mares, que ele «deu novos mundos ao mundo» descobrindo para os povos, regiões até então desconhecidas. Por toda a orla marítima se situam numerosos portos que abrigam centenas de embarcações e são local donde muitos partem para uma vida dura, quantas vezes perigosa.

O mar é como um ser dotado de vida, cheio de contrastes. Umas vezes revolto e espumante, traga no seu seio vidas valorosas. Outras, manso e quieto, atrai irresistìvelmente para si os homens que se aproximam. Estes contrastes reflectem-se, dum modo bastante notável, no temperamento daqueles que dele se acercam e perto dele vivem.

O marítimo, é por natureza indolente. Em contacto profundo com o mar, apodera-se dele uma nostalgia que, entrando no seu íntimo, como que lhe invade o sangue e transparece depois nos actos que pratica. Mas se os marítimos têm contra si este mal, não se lhes negue no entanto o espírito combativo, entusiasmo e vigor. É vê-los, enfrentando como ninguém os perigos, é observá-los durante as horas más, em que, num rasgo de generosidade inaudita, se atiram para o mar, arrancando à morte a vida dos seus camaradas de trabalho!

Porque acostumado a todas as inclemências, sendo sempre o mesmo nas veladas das longas e frias noites de inverno, como debaixo dos raios ardorosos do sol de verão, o homem do mar é também generoso.

Exceptuando algumas épocas de transitória abundância, o marítimo, porque é perdulário, vive muitas vezes na miséria, chegando ao ponto de ficar à mercê do que a bondade do patrão queira antecipar-lhe à conta do que um dia há-de ganhar. Contudo, a conformidade com as horas más e a naturalidade com que suporta a miséria, coisas que tanto nos admiram, só se explica pelo hábito com que a sofre.

Fundamentalmente, o pescador não difere do homem de terra. Tem como ele as mesmas qualidades, os mesmos defeitos e necessidades, e é senhor dos mesmos direitos e deveres. Há no entanto uma diferença grande: por sua profissão tem de trabalhar separado do resto do mundo e do convívio com os restantes homens.

Se se pensa que o homem é por natureza social, destinado a viver em família, então se compreende que o marítimo vive numa situação anormal. Já porque a maior parte da sua vida é passada no mar, já porque a imensa maioria deles é inculta, o marítimo procura só a convivência com os companheiros, o que faz com que viva mais na rua e na taberna do que na própria casa.

O HOMEM DO MAR E A RELIGIÃO

O marítimo é por natureza religioso. O ambiente, a grandiosidade do mar leva-o, como a todos nós, a concluir que há alguma coisa de maior que tudo rege ou governa. Ele sabe que Deus existe e acredita n'Ele. O contacto com os pescadores, tem-nos mostrado, no entanto, que é grande o abandono religioso em que vivem. Longe da família, impossibilitados pelas circunstâncias da sua vida de frequentar a Igreja e encontrar sacerdotes que os compreendam, muitos foram, com o rolar dos tempos, arrastados a uma indiferença religiosa, quando não à perda total da fé.

Uma das razões que mais têm levado o pescador a afastar-se da religião, é a sua ausência quase contínua de terra. Esta deriva quase exclusivamente da avidez com que procura no mar, o seu sustento e salário. Trabalha na ânsia de mais ganhar, pois que, pelas leis até agora em vigor,, o que ganha é regulado pela maior ou menor quantidade do peixe que pescarem.

Por isso, sempre que podem e os mandam, embarcam, não poupando sequer os domingos, que para todas as outras classes é dia de descanso.

Até quando esta anomalia de tirar ao pescador o seu dia de descanso? O ocupar-se na faina da pesca ao domingo, vem já de longe. Por isso, com o rolar das novas gerações que não viram já os seus progenitores aproximar-se da Igreja e dos sacramentos, a grande maioria desconhece quase totalmente o preceito dominical e os mais elementares rudimentos da fé. Isto acontece no meio marítimo que mais conhecemos. É verdade que os pescadores mandam baptizar os filhos e estes frequentam em elevado número a Catequese. No entanto, observações várias, levaram-nos à conclusão de que só 2 % dos pescadores numa população de 2.000 homens, ouvem missa ao domingo.

Desconhecendo embora os grandes preceitos da Igreja, sendo a sua fé luz que fàcilmente se apaga, o homem do mar nunca aceitou as modernas doutrinas comunistas e o protestantismo pouquíssimos pescadores conta nas suas fileiras.

É proverbial a devoção dos marítimos a Nossa Senhora. São imensas as capelas e santuários que se espalham pela nossa orla marítima, onde, sob as mais lindas invocações, se honra e venera Maria Santíssima.

Senhora da Nazaré e Senhora dos Remédios, Senhora dos Navegantes e Senhora do Cabo, Senhora da Boa Viagem e Senhora da Bonança, são outras tantas luzes a atestar por essa costa fora a fé que outrora iluminou os nossos maiores.

É esta devoção dos pescadores a Nossa Senhora, a grande esperança dos que se dedicam ao problema da cristianização dos homens do mar, esperança que um dia será certamente, querendo Deus, uma radiosa e feliz concretização.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

Os marítimos desenvolvem-se num mundo governado por leis características. Por profissão estão materialmente desligados das suas famílias, paróquia e sociedade e torna-se quase impossível a sua presença na Igreja.

A obra redentora de Cristo, não pode realizar-se senão na medida em que a Igreja estiver presente entre eles, presença que por si só, desperta os corações dos homens de boa vontade.

Não é possível ainda em Portugal o contacto mais directo com o

marítimo viajando nos barcos e acompanhando os marítimos nos seus trabalhos e lutas.

Ante esta impossibilidade, o que deseja dedicar-se ao apostolado marítimo, fará por participar nas inquietações dos homens do mar, nas suas tentações, esperanças e alegrias, e lhes demonstrará uma amizade em que se expresse o amor com que Deus os ama. Por este testemunho de caridade, o sacerdote ganha pouco a pouca a amizade dos marítimos e pode atraí-los a uma melhor compreensão da sua situação de filhos de Deus.

Se o marítimo, que no geral observa tudo com olhos muito abertos, vê uma verdadeira amizade, entrega-se vencido. Depois, o retorno à fé, virá quando Deus quiser. As «Missas de companha», as bênçãos dos barcos, são outras tantas ocasiões que o sacerdote aproveitará para inculcar nos homens do mar a verdade e a doutrina de Cristo.

Nas reuniões em comum, que são a melhor escola da psicologia marítima, tem o sacerdote muito que aproveitar. Aí, ele, sem esquecer jamais o seu papel de sacerdote, terá fartas ocasiões de trabalho. É lançando agora um ideia, logo outra, depois um bom pensamento, que o sacerdote logrará atrair as atenções dos ouvintes e semear assim, a pouco e pouco, a luz da doutrina. Nada tem o sacerdote a temer pensando que não será bem acolhido. Nós próprios temos experimentado como o marítimo respeita o sacerdote, considerando-o muito acima do seu próprio ser, e admirando nele a prerrogativa de ministro de Deus. O marítimo sabe acolhê-lo bem, porque o sentimento religioso, inato no homem do mar, o obriga naturalmente a isso.

Deve também o sacerdote preocupar-se com a formação de dirigentes.

Precisamente porque não pode, nem deve, intervir em todos os assuntos da vida marítima, nem em toda a parte é possível a sua presença, há-de apoiar-se em leigos amplamente capacitados, que façam chegar a todos os meios, a benéfica influência do seu ministério. E porque não pode prescindir-se do moral e do religioso, estes leigos hão-de conhecer verdadeiramente as suas obrigações, segundo os princípios da justiça e da caridade.

É este, sem dúvida, o grande problema marítimo: a carência de dirigentes. Com conversas individuais ou de grupos pequenos, formar-se-iam militantes cristãos capazes de assumir responsabilidades no seu meio ambiente. A esse grupo daria o Sacerdote uma assistência contínua, comunicando-lhe entusiasmo pela acção benéfica da sua palavra, nos

períodos de arrefecimento e nas quebras de entusiasmo. Nos vários países onde existe de modo organizado a assistência religiosa ao pescador, estes dirigentes leigos são grandes apóstolos entre os companheiros.

Queira Deus que em breve se crie também em Portugal esta assistência organizada, a fim de se poder ajudar a tantos marítimos que vivem sem conhecer alma amiga que os anime e coração a quem possam desabafar as suas muitas mágoas e tristezas.

*
* *

Apresentei a traços largos, o problema do homem do mar. Problema ingente, deveras, que nos obriga como cristãos a dar-lhe rápida e eficaz solução.

A assistência de Nossa Senhora, Estrela do Mar e Senhora dos Navegantes, muito nos ajudará a encontrá-la.

Virá em breve a aurora do retorno destes filhos predilectos da Igreja, que noutros tempos a deram a conhecer e a levaram por todos os mares, em suas quilhas?

ALCIDES MARTINS

APRESENTAMOS

«O Valor Divino do Humano» *

Jesus Urteaga

A primeira carta de S. Paulo aos cristãos de Corinto deixa-nos bem definidas as funções diversas que o mesmo Espírito Santo distribui sàbiamente entre os seus filhos. Assim também hoje na Santa Igreja, cada qual concorre à sua maneira para o enriquecimento do Corpo Místico.

No campo peculiar dos apóstolos da palavra escrita, todos contribuiram para a difusão da boa nova: mas uns desbravam a terra, abrindo sulcos profundos, outros vêm e semeiam no que foi destorroado para dar bom fruto.

O Autor do presente volume é dos primeiros, pela ousadia e violência da sua crítica. Os leitores recordarão as diatribes de Papini, profeta que durante anos fez ouvir bem alto na Cristandade a sua voz irreverente e atrevida.

Jesus Urteaga não escreveu como um diletante, nem quis de modo algum falar apenas à sensibilidade. Ele pretende arrastar consigo.

De vez em quando caustica. Com caridade. É certo que criticar não custa. Já é mais difícil construir. Ora ninguém pode acusar Jesus Urteaga de não ter construído.

A riqueza da sua mensagem torna-o também um daqueles que semeiam e cultivam. O título diz tudo: a reabilitação do valor do humano no plano das realidades sobrenaturais.

O A. estigmatiza aquilo que o mundo de hoje contém de mesquinho, ridículo e desprezível. Mas ama a vida, ama o seu semelhante e quer salvá-lo. Assim, convida os cristãos a um esforço ingente. Quer empenhá-los a todos na conquista da sociedade paganizada.

A solução que apresenta não é um sucedâneo ou uma receita de má qualidade: quer levar-nos a todos à maior intensidade da vida cristã, ao aproveitamento das inúmeras ocasiões da vida de todos os dias, ele quer que todos nos esforcemos por descobrir, na vida prática, pontos de aplicação para os princípios que professamos.

Não é derrotista. Violento embora, às vezes duro, de uma violência e dureza que muitos porventura acharão demasiadas, ele quer incutir em todos os cristãos a confiança nas promessas do Senhor e a santa ousadia dos filhos de Deus: possuímos uma riqueza incalculável, a única que poderá salvar o mundo. Em vez de lamentar os tempos que correm, procurar antes as pontes de ligação.

«Esta época de guerras mundiais, de transtornos internos, de prantos e de sangue, é o nosso tempo. Por que temê-lo?

Esta época, que é de transição para uma nova idade de fogo e traz consigo dores de mãe, é o nosso tempo. Por que não o amar?

Esta época de presunção, de correr sem descanso, de amor sem saber amar, é o nosso tempo. Por que não o viver?» (pg. 90)

A. J.

---

* Col. EFESO, n.º 2, Casa do Castelo, Coimbra, 1953.

«O Matrimónio Cristão» *

Jacques Leclercq

Em boa hora a Colecção Éfeso empreendeu a tarefa de apresentar aos leitores de língua portuguesa um conjunto de obras de utilidade candente na formação espiritual da actualidade. Ao lado dos totalmente pervertidos e impregnados do mais pasmoso indiferentismo em matéria religiosa, encontram-se as almas bem formadas, profundamente católicas, os filhos fiéis de Deus, num só pensar, num só sentir, num só querer, num só agir com a Igreja; mas encontram-se de igual forma os duvidosos, hesitantes e indecisos, os que arrastam um estado de espírito dramático, os que, embora baptizados, oscilam lânguidamente entre a adesão e a deserção, dominados pelo ambiente religioso que os cerca, os desiludidos pelo mau exemplo de vida dos que se dizem católicos; muitos são tentados a fazer uma separação radical entre a sua atitude religiosa e a vida do dia a dia, como sendo coisas independentes, sem possibilidades de interferência de uma na outra, desconhecendo ou não querendo ver para cada problema da vida uma resposta de Evangelho, sem que algum fique de fora.

É sabido o empenho da Igreja na luta traçada em defesa da sociedade familiar, e a actividade pessoal de Pio XII no sentido de enaltecer a nobreza e a dignidade do sacramento do matrimónio, porventura o sacramento mais profanado em nossos dias; nao tem faltado ainda quem à questão tenha dado o melhor do seu afecto o o melhor da sua inteligência, numa louvável tentativa de fazer acordar a consciência cristã.

Com este mesmo intuito apareceu há pouco em língua portuguesa um livro invulgar de Jacques Leclerq — «O Matrimónio Cristoã» — obra notável pela objectividade dos conceitos e fino tacto psicológico, entre outros aspectos. Não é um livro para crianças — diz o autor em advertência prévia — é destinado aos esposos e à gente nova que se prepara para o casamento, com o fim de os ajudar a reflectir no que é para o cristão o ideal da união conjugal. Como o Mestre, o autor quer do seu ensino uma luz e um fermento: não escreve para cristãos de cristianismo passivo, mais suportado do que amado, mas para aqueles que encontram na sua fé uma fonte de vida e aspiram a centrar toda a existência em torno das convicções religiosas. Não está o interesse do livro na novidade da doutrina, pois trata-se duma doutrina velha, de quase vinte séculos, mas que continua sempre a ser a mais nova de todas as doutrinas — como diz o Dr. Braga da Cruz no prefácio da tradução portuguesa — e é assim que Jacques Leclercq a apresenta, e está nisto o seu mérito único mas grande, e nisto ainda vai o maior elogio ao seu livro.

O autor considera em primeiro lugar o Sacramento do Matrimónio e a posição da Igreja, passa depois ao amor conjugal, amor afectivo e amor carnal, os filhos, refere-se às uniões estéreis, e por fim insiste na espiritualidade conjugal e no espírito de pobreza no matrmónio.

O Matrimónio é um Sacramento. Esta consciencialização do carácter sacramental do matrimónio tem-na o autor por uma das aquisições da Igreja no século XX.

---

* Col. ÉFESO, n.º 3, Casa do Castelo, Coimbra, 1953.

Instituição natural em si, torna-se sacramento sempre que é contraído por um cristão segundo as formas recebidas pela autoridade social de que depende, a Igreja. Nenhuma instituição cristã manifesta mais que o matrimónio esta impregnação do humano pelo divino. A Igreja vê no casamento antes de mais uma obra de amor, se bem que devam ter-se na devida conta as condições sociais e económicas, em segundo plano, bem como a continuidade familiar e outros fins secundários. O Autor insiste na necessidade de aprender a amar, que é dar-se, viver para outrem, e fazer consistir cada um a sua felicidade em tornar o outro feliz. Distingue amor afectivo de amor carnal, desenvolve um pouco de psicologia dos sexos e alguns aspectos da castidade conjugal. Deus fez da família cristã o meio por excelência onde se têm desenvolvido todas as nobrezas da alma, todas as energias do espírito.

Realça o valor duma espiritualidade conjugal, ou uma vida de piedade familiar. Quantas vezes é cristão cada um dos membros, mas não o é a família como tal, porque não há na família como família uma atitude cristã...

Por fim aborda o espírito de pobreza no matrimónio; e faz sobressair o carácter espiritual desta virtude.

Só os lares embebidos da mística do matrimónio cristão podem constituir centro de vida cristã que ensinarão ao mundo com o exemplo o que o cristianismo realiza pela família, e manifestarão no matrimónio a fecundidade da graça que é o sinal da presença de Deus na Igreja. «Se o desenvolvimento destes lares — termina o autor — chegar a ser uma das características do cristianismo do nosso tempo, marcará uma fase decisiva no progresso da Igreja para a plenitude da vida de Cristo.

L. D.

*

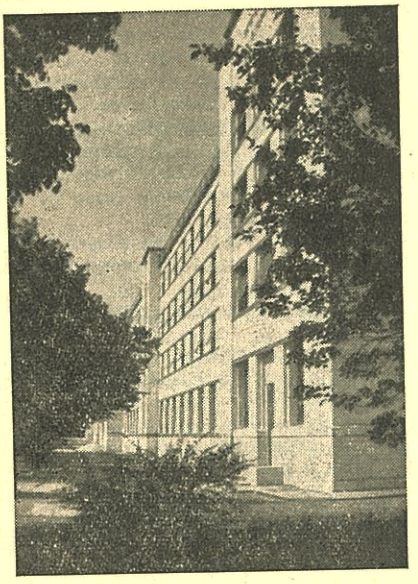
* *

— Destinados à Biblioteca da nossa Revista chegaram-nos há pouco de Angola, três livrinhos do Rev.º P. António da Silva Maia, missionário diocesano de Luanda. Um deles é o Catecismo elementar em português e *omumbuim*, dialecto do «Kimbundu. O 2.º intitula-se «O meu livro de oração e cânticos», em português e no mesmo dialecto. O último contém todas as epístolas e evangelhos dos Domingos e Festas seguidos de breves comentários em *musele*, dialecto do «Mbundu». A edição é do Autor.

Agradecemos.

— Recebemos também os 2 vols. de «A Voz de Roma na Questão Social», oferta amável do A., Rev.º P. José Quelhas Bigotte. No próximo número daremos algumas notas críticas.

Crónica



No Ano da Imaculada

A unidade eclesiológica não é destruída por distâncias ou fronteiras. A Igreja transcende-as. Todos os movimentos da Fé, nas regiões mais longínquas ou díspares, são aos olhares de Deus um mesmo acto da sua Igreja.

Foi assim que, celebrando na simpleza das nossas possibilidades a abertura do Ano Mariano, não estivemos desunidos das esplendorosas cerimónias de Roma e das manifestações de toda a Santa Igreja.

A Vigília nocturna que antecedeu a Missa da Meia-noite, vivamente nos situou na cristã expectativa dum ano precioso em graças para a Igreja e para o Mundo. A prece litúrgica, os cânticos, os textos sagrados embrenharam as nossas almas nos mistérios de Maria. E foi assim que entrámos no seu Ano Jubilar.

Na manhã de 8, participámos no solenissimo Pontifical de rito joanino que Sua Eminência celebrou na Sé Patriarcal. O nosso Coro Polifónioc executou a Missa de Lootz, enchendo de esplendor a Cerimónia.

Em sessão, à tarde realizada no salão de festas do Seminário, a Arte e a História acrescentaram as homenagens que, nos solenes Actos Litúrgicos, erguêramos à Imaculada Padroeira.

A Polifonia foi regida pelo Senhor P. Viçoso Freire em alguns números consagrados a Nossa Senhora.

António Jorge Martins fez uma palestra de invulgar competência apresentando a solene definição do dogma da Conceição Imaculada já no progresso dogmático, já no quadro de circunstâncias históricas e ideológicas que encheram o vasto Pontificado de Pio IX.

A segunda e principal conferência, disse-a o historiador insigne, P.e Miguel de Oliveira. Subordinou-se ao título de «Nossa Senhora na 2.ª das Dinastias Portuguesas».

O domínio largo que Sua Rev.ª tem sobre a História pátria, as suas qualidades de escritor apurado, e a sua vibração por um motivo tão da nossa História, deram à conferência inteiro agrado e apreço inestimável. O amor e a «devaçam pola Virgem» dos portugueses desse «período de glória e de martírio» reacenderam-se nas suas palavras.

Seja esta a luz contínua do Ano de Graças que vivemos. Assim Deus nos escute.

Uma Conferência

No dia 10 de Dezembro foi-nos dada a honra de recebermos ilustres visitas e o prazer de escutarmos uma importante personalidade da política nacional a quem mais ainda valorizam os dotes de conferencista invulgar.

O Senhor Doutor António Luís Gomes, que, além de outras altas funções,

dignamente desempenha a de Director da Fazenda Pública, deu-nos o favor de vir falar-nos sobre as três ínclitas Rainhas de Portugal, Santa Isabel, Dona Leonor e Dona Amélia, cujos exemplos de caridade extrema sobrevivem para além das contingências históricas, a todos admirando e a muitos levando à imitação dessa virtude cristianíssima.

Estiveram presentes os Venerandos Bispos de Priene e Eureia, Sua Excelência o Senhor Ministro do Exército e farta assistência que propositadamente se deslocou de Lisboa ao Seminário dos Olivais.

Pelas catequeses

*

Campo de experiências e campo de realizações, o ensino da Catequese nas quatro freguesias nossas vizinhas — Olivais, Encarnação, Sacavém e Moscavide — não pode cair em frouxidão. Quando, às quintas-feiras, os «senhores seminaristas» (no dizer da pequenada) debandam a caminho das escolas das redondezas, vai com eles o conselho animador e sábio de quem os dirige, o entusiasmo, a perspectiva de avanços ou dificuldades, e, até, o sonho do bom resultado de novos métodos a aplicar.

E no meio das crianças, ora aturando-lhes diabruras ora escutando-lhes ingenuidades, ensinam e aprendem; acima de tudo, vivem momentos que são livros abertos, em lições preciosas.

As festas de Natal coroaram a primeira época de trabalhos catequísticos. Concursos de presépios com a graciosidade tosca das imaginações infantis; autos representados por artistas com palmo e meio de altura e de aptidões cénicas; desenhos animados, etc.. Houve alegria entre a pequenada. E também entre nós a houve, que nos sentimos iguais às crianças.

Actividades Académicas

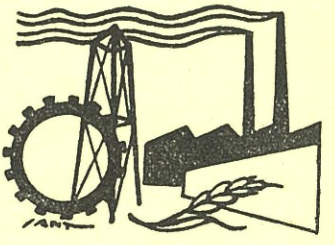
O programa de trabalhos académicos continua a desenrolar-se num sucessivo aumento de interesse pela sua actualidade proeminente.

Nas sessões de Dezembro, os vários temas relacionam-se com «O Sentido de Deus no mundo do Trabalho».

A 6 do mês, João de Sousa Canilho, do 1.º ano Teológico, falou da «Posição actual do Movimento Operário». O trabalho, afinal, abrangeu as causas do Movimento perscrutadas na História e na psicologia humana; estudou e cotejou as doutrinas antagónicas do comunismo e do catolicismo social; analisou a estase arreligiosa das massas proletárias; e concluiu com a previsão dum mundo futuro que será da classe operária e da democracia, mundo cuja edificação pertence em parte essencial à Igreja de Cristo.

*

* *



À noite, no mesmo dia 6, ouvimos a D. Dario Lopez, gerente dos Laboratórios ALTER (Espanha), onde se aplicaram com resultados excelentes, os princípios da Doutrina Social da Igreja.

Sendo bem concreto nos dados que apresentou (relações entre os elementos patronais e operários, proporções de salários em ordem não só à competência profissional mas também às responsabilidades familiares, justa aplicação de lucros, etc.); falando-nos com um vigor incontido e uma certeza comprovada pelos óptimos resultados havidos na realização dos Laboratórios ALTER, D. Dario deu-nos a exemplificação viva de que a Doutrina Social da Igreja é a única a possuir a suficiência precisa para a solução dos actuais problemas operários.

As massas trabalhadoras — disse D. Dario — bolchevizam-se não pela impotência da nossa doutrina, mas pela au-

sência dos nossos actos. A realização ALTER é uma presença e uma resposta aos que tenham por utópicos os princípios da Rerum Novarum.

* * *

O académico Rev.º Lereno Sebastião Dias apresentou no dia 13 de Dezembro um trabalho vastíssimo sobre «Alguns Aspectos do Meio Rural». Assim foi sumariado o estudo:

— Evolução histórica da aldeia.

— Psicologia dos «simples».

— A religião na aldeia: considerações gerais. Marcha de uma renovação religiosa. Fases da descristianização do meio rural. Normas pastorais para uma acção cristianizadora eficiente.

* * *

A secção de Filosofia efectuou no dia 20 uma sessão, de cuidado ambiente artístico, sobre a quadra do Natal.

José Vieira Marques falou do «Natal» na Literatura Portuguesa». Os principais excertos foram lidos ou declamados por José Luís de Matos e Albino Cleto.

Um outro trabalho foi apresentado enumerando os diversos folclores com que as nações cristãs celebram o Natal. António Carrilho escreveu-o e várias canções, em gravação, documentaram-no.

Ao redor do Presépio

O nosso Natal não foi o da mera consoada em família, o dos sapatos na chaminé, o do presépio e do tronco de pinheiro a adornarem a sala de visitas. Nem foi apenas o Natal das loas ao Menino cantadas em desafio, ou o Natal das civilizadas festas de bodo aos pobres e às crianças.

Foi o Natal português, o da Missa do Galo e das lindas festas de igreja com o beijo saboroso ao pé do Menino-Deus. Foi o verdadeiro Natal de Cristo celebrado na Liturgia pela Fé da Santa Igreja. A volta deste Natal cristão andou a nossa alegria.

Recordámos, quanto pudemos, o Natal das nossas Terras, à volta duma lareira (ainda que o brasido das achas fosse uma ilusão de papel vermelho e de luz eléctrica...). Na falta dos avòzinhos para contarem as histórias lindas do seu Natal de há sete décadas, alguém ia evocando o Natal de sempre, o dos velhos latins e das redondilhas do nosso povo.

Nem faltou a representação dum Auto com as cenas típicas de todos os autos da Quadra. E houve um presépio de barro com figuras minúsculas amoldadas por artistas da casa. E foram cantadas muitas canções beiroas e do Ribatejo. E, até, à feição dos costumes das nossas aldeias, os poetas caseiros cantaram em redondilhas de ocasião as alegres janeiras de Boas-Festas a todos os Superiores e Mestres.

F. MELRO

Viúva Macieira & Filhos

Fábrica de papel para escrever, impressão e embrulho. — Armazém de papeis nacionais e estrangeiros e papelão. — **Papelaria**

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Telefones: *Escritório*: 31721 / *Papelaria*: 31722

R. da Madalena 10 a 22 LISBOA

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

SAÇOR

Um esforço diário de
800
PORTUGUESES

SAÇOR

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

SOCIEDADE INDUSTRIAL
METALURGICA
S. A. R. L.
SERRALHARIAS
Rua de S. Tiago, 13 LISBOA

C. SANTOS
LANIFÍCIOS
Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.
Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor
DESCONTOS E PRAZOS
COVILHÃ

IMAGENS - MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS
E
TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA
Fundada em 1866
Sousa Tavares L.da
220, RUA AUGUSTA, 222 Telef. 2 7757
LISBOA



SOCIEDADE EDITORA ALA ESQUERDA, L.DA
Trabalhos tipográficos em todos os géneros
OFICINAS GRÁFICAS DA DIOCESE DE BEJA

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 126 - 130 Tel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

Oliveira & Vieira, L.DA

ESTOFADORES - DECORADORES

MÓVEIS ESTOFADOS EM TODOS OS ESTILOS E MODELOS
DECORAÇÕES EM TODOS OS GÉNEROS

Av. D. Carlos I, 140 Telef. 61864 — LISBOA

VELAS DE CARDIGOS

J. D' Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 B. Baixa-**CARDIGOS**

A casa que há 103 anos criou e mantém o prestígio das **VELAS DE CARDICOS**

Premiada em 7 Exposições 4 Estrangeiras e 3 Nacionais

Grave na sua memória onde gravar os seus trabalhos



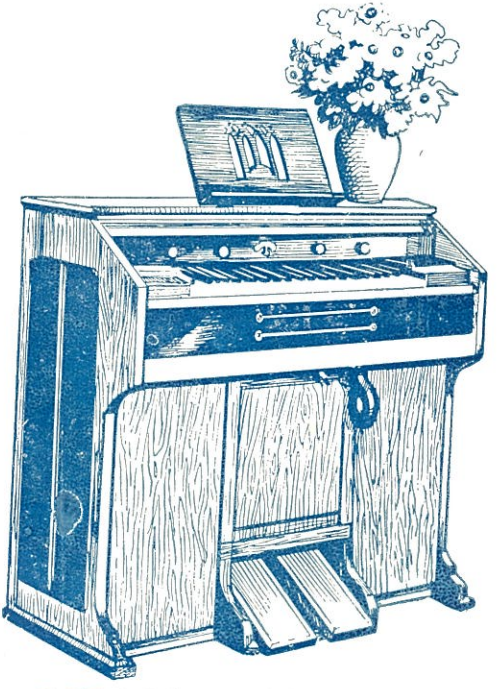
Fotogravura
ARMEIS & MORENO, LDA.
T.S JOÃO DA PRAÇA, 38
TELEF. 28055
LISBOA

ORGÃOS

DE TUBOS E ELÉCTRICOS
PARA IGREJAS

HARMONIUNS

ALEMÃES E
FRANCESES



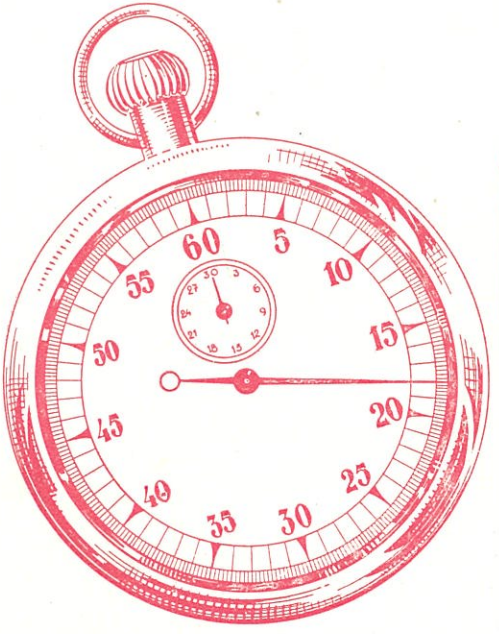
ESTABELECIMENTOS

Valentim de Carvalho L.da

95 - Rua Nova da Almada - 95

TOSSE ?

DESAPARECE RÀPIDAMENTE





COM

BENZO-DIACOL